

## Retraduções de *Anne of Green Gables*, de Lucy Maud Montgomery, em português\*

### Retranslations of *Anne of Green Gables*, by Lucy Maud Montgomery, in portuguese

Patrícia Rodrigues Costa<sup>1</sup>  
Germana Henriques Pereira<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo apresenta a primeira parte de uma pesquisa relacionada às (re)traduções da obra da escritora canadense Lucy Maud Montgomery no Brasil, e trata da redescoberta da obra *Anne of Green Gables* (1908) por meio de suas (re)traduções para o português. Este trabalho insere-se nos Estudos Descritivos da Tradução (EDT), pois visa realizar não somente o levantamento histórico das (re)traduções para o português da obra *Anne of Green Gables*, mas também compreender o porquê de suas traduções no Brasil. Esta pesquisa busca compreender a inserção das (re)traduções para o português da obra *Anne of Green Gables* no contexto histórico. Não se trata, portanto, de apenas um registro e catalogação das obras traduzidas, o que, segundo Pagano (2001), caracterizaria esta pesquisa como historiográfica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estudos da Tradução. Tradução. Tradução literária. Literatura canadense traduzida no Brasil. Lucy Maud Montgomery. *Anne of Green Gables*.

**ABSTRACT:** This article presents the initial part of a study related to the (re)translations of the work of Canadian writer Lucy Maud Montgomery in Brazil, and deals with the rediscovery of the book *Anne of Green Gables* (1908) through its (re)translations into Portuguese. This study is based on the Descriptive Translation Studies (DTS), as it aims not only to carry out a historical survey of the (re)translations of *Anne of Green Gables* into Portuguese, but also to understand the motivation behind their translations in Brazil. This research aims to examine the insertion of *Anne of Green Gables'* Portuguese (re)translations into the historical context and not merely to record and catalogue its translations, thus, according to Pagano (2001), it can be characterized as historiographical research.

**KEYWORDS:** Translation Studies. Retranslation. Literary translation. Canadian translated literature. Lucy Maud Montgomery. *Anne of Green Gables*.

<sup>1</sup> Doutora em Estudos da Tradução pela UFSC. Professora substituta na UnB. Pós-doutoranda no POSTRAD/UnB. Membro do Núcleo de Estudos em História da Tradução e Tradução Literária (NEHTLIT). E-mail: prcosta1986@gmail.com; patricia.costa@unb.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3254-8914>. <https://scholar.google.com/citations?user=ko3cagoAAAAJ&hl=pt-BR&oi=ao>.

<sup>2</sup> Doutora em Literatura pela UnB. Professora Associada 4 na UnB. Coordenadora do Núcleo de Estudos em História da Tradução e Tradução Literária (NEHTLIT). E-mail: germanahp@gmail.com; gdesousa@unb.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1705-1704>. [https://scholar.google.com/citations?user=K7\\_f2sEAAAAJ&hl=pt-BR&oi=ao](https://scholar.google.com/citations?user=K7_f2sEAAAAJ&hl=pt-BR&oi=ao).

\*Artigo recebido em 30 de outubro de 2023 e aceito para publicação em 30 de novembro de 2023.



## Introdução

A literatura canadense tem sido cada vez mais traduzida e publicada no Brasil. Entre as escritoras canadenses aqui traduzidas, podemos citar duas em voga atualmente: Lucy Maud Montgomery, que assinava seus trabalhos como L. M. Montgomery (1874 – 1942), e Margaret Atwood. Ambas, à sua maneira, redigem textos com aspectos feministas. Porém, enquanto Montgomery redige romances regionalistas, autobiográficos, que se passam em sua província, Atwood escreve romances de ficção científica, sendo o mais conhecido *The Handmaid's Tale*, uma distopia.

E por que citar Atwood? Ela leu e releu as obras de Montgomery, em especial *Anne of Green Gables*, publicada em 1908. Atwood (1999) a considera um cânone da literatura canadense, e ressalta que esta obra não deve ser considerada como apenas destinada ao infantojuvenil, pois logo após a publicação de sua obra-prima, esta atingiu principalmente o público adulto (GAMMEL; LEFEBVRE, 2016). A respeito de publicações inicialmente compreendidas como destinadas ao público infantojuvenil, Lathey (2016, p. 120) afirma que “os livros que recebem o rótulo de ‘clássicos infantis’ são um conjunto híbrido de textos, compreendendo [...] histórias originalmente escritas para adultos que se tornaram parte de um cânone infantil de cunho ocidental.”<sup>3</sup>. Por esse motivo, acreditamos na necessidade de ampliar os estudos acerca da obra de Montgomery traduzida para a língua portuguesa e publicada no Brasil, a que nos propomos a fazer.

Ademais, de acordo com Irene Gammel e Benjamin Lefebvre (2016), ambos especialistas na obra de Montgomery, a relevância desta escritora é tal no Canadá que os L. M. Montgomery Studies se consolidaram como área do conhecimento, tendo sido publicados vários ensaios acadêmicos e diversas edições críticas de suas obras. Segundo eles, Montgomery é a escritora canadense mais publicada no mercado internacional, tendo sido traduzida para mais de 35 línguas, e alimenta uma indústria multimilionária (entretenimento, turismo, produtos). E o que sabemos sobre as traduções de *Anne of Green Gables*?

Entre as traduções dessa obra para as mais diversas línguas, podemos ressaltar as publicadas em dois países: a Suécia, por ter publicado a primeira tradução da obra em 1909, realizada por Karin Lidforss Jensen (RÉMI, 2019), e o Japão, pela popularidade alçada por *Akage no An*, primeira tradução para

<sup>3</sup> “Books that enjoy the label ‘children’s classics’ are a hybrid set of texts, comprising tales written for all ages and filtered through a number of languages or stories originally written for adults that have become part of a Western-dominated children’s canon.” (LATHEY, 2016, p. 120).



o japonês realizada por Muraoka Hanako e publicada em 1952, com diversas retraduições (UCHIYAMA, 2014).

Segundo Rémi (2019), um importante argumento para convencer os editores da tradução para o sueco a publicá-la está vinculada aos tópicos desenvolvidos por Montgomery nesta obra, a saber, educação e religião. Por conseguinte, o livro foi requisitado à editora britânica em março de 1909, apresentado à tradutora em junho e a tradução publicada antes do Natal daquele ano, tornando-se um sucesso imediato, sendo a mais influente até hoje (RÉMI, 2019). No entanto, deve-se enfatizar que “[...] *Anne of Green Gables* não conquistou a Suécia em sua forma original, mas transformada em uma falsa aparência sueca escolhida por Karin Jensen e pelos outros tradutores.”<sup>4</sup> (RÉMI, 2019, p. 2). Tal fato vai ao encontro do que ressalta Lathey (2016), segundo a qual literatura infantojuvenil sempre esteve vulnerável à adaptação, sendo, por vezes, identificada mais com a cultura de chegada do que com a de partida.

Já em relação à inserção de Montgomery no contexto japonês, o encontro de Hanako, antiga interna de uma escola missionária canadense, com a obra de Montgomery se deu graças ao presente de uma das missionárias que estava saindo do Japão em razão da II Guerra Mundial, que lhe deu o livro *Anne of Green Gables*. A tradução, realizada às escondidas, durante a Guerra, foi publicada sete anos após o retorno à paz. Vale destacar que esse não foi o único livro de Montgomery por ela traduzido, sua empreitada rendeu a tradução e publicação de 16 livros no total (UCHIYAMA, 2014). Segundo Uchiyama (2014), mesmo com mais de 70 versões do clássico canadense, entre traduções e livros ilustrados, a tradução de Muraoka Hanako nunca conseguiu ser substituída por quaisquer das demais traduções para o japonês, tendo se tornado, portanto, um best-seller traduzido tal como afirma Venuti (2019). *Akage no An* é uma tradução de sucesso, bastante procurada pelos leitores japoneses, regularmente reeditada, e Hanako uma tradutora aclamada, tendo seu estilo imitado por tradutores japoneses por ser o utilizado pelas mulheres da classe alta (AKAMATSU, 1999; 2013; UCHIYAMA, 2014). Contudo, cabe salientar que alguns trechos do texto de partida foram omitidos na tradução de Muraoka (AKAMATSU, 1999; 2013).

Com esse pano de fundo, este artigo apresenta a primeira parte de uma pesquisa relacionada às (re)traduções da obra de Montgomery no Brasil, e trata da redescoberta da obra *Anne of Green Gables* por meio de suas (re) traduções para o português. Nossa metodologia de pesquisa pode ser descri-

<sup>4</sup> “[...] *Anne of Green Gables* did not conquer Sweden in its original wording, but transformed into the Swedish guise chosen by Karin Jensen and other translators.” (RÉMI, 2019, p. 2).



ta como a de um levantamento das obras, caracterizado por pesquisas em sites como o L. M. Montgomery Institute<sup>5</sup>, em bases de dados como WorldCat<sup>6</sup> e *Index translationum*<sup>7</sup> e, por fim, em sites de bibliotecas, livrarias e sebos.

Nossa visão de literatura, perpassada por um sistema complexo e dinâmico, requer uma abordagem descritiva para a tradução literária, a qual apresenta normas que governam a produção e a recepção de traduções, além de indicar a posição e, conseqüentemente, o papel destas em um polisistema literário (HERMANS, 1985; EVEN-ZOHAR, 1990; CASANOVA, 2002). Assim, este trabalho insere-se nos Estudos Descritivos da Tradução (EDT), pois visa realizar não somente o levantamento histórico das traduções para o português da obra *Anne of Green Gables*, mas também compreender o porquê de suas traduções no Brasil. Isto é, esta pesquisa busca compreender a inserção das traduções dessa obra em seu contexto histórico e não somente servir como um registro e catalogação das obras traduzidas, o que caracteriza esta pesquisa como historiográfica, uma vez que cabe aos pesquisadores desempenhar o papel de produtores de um relato, deixando de ser meros compiladores (PAGANO, 2001).

## Retradução

Ao ser traduzida, uma obra se descentraliza, movimentando-se entre diferentes culturas e sistemas literários, motivo pelo qual é necessário que a tradução reflita sobre si mesma (BERMAN, 2002). Como ressalta Walter Benjamin, é por meio das traduções que as línguas se transformam e que uma obra sobrevive – “[...] a vida do original alcança, de maneira constantemente renovada, seu mais tardio e mais vasto desdobramento” (2010, p. 9) – e, por isso, os grandes textos devem ser retraduzidos. Na esteira de Benjamin, Inês Oseki-Dépré (2021, p. 220) ressalta não apenas a necessidade de se retraduzir, mas também de se estudar as retraduições, uma vez que “[...] [a retradução] permite à tradutologia compreender o horizonte tradutório das diferentes épocas da retradução ao mesmo tempo que define os cânones poéticos e tradutórios”.

Entre as publicações que pautam as pesquisas sobre retradução, podemos citar Antoine Berman (2017 [1990]) e Yves Gambier (2011; 2020 [1994]). É a partir de suas obras que as pesquisas sobre retradução passam

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.lmmontgomery.ca/collections/annes-world> Acesso em: 10 de outubro de 2023.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.worldcat.org/> Acesso em: 10 de outubro de 2023.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.unesco.org/xtrans/bsform.aspx> Acesso em: 10 de outubro de 2023.



a ter mais rigor científico. Por isso, é a partir desses tradutólogos que discutiremos a questão da retradução trazendo à baila outros estudos.

Em *A tradução e a Letra ou o albergue do longínquo* (2013), Berman ressalta a necessidade de se “[...] distinguir dois espaços (e dois tempos) de tradução: o das *primeiras traduções* e o das *retraduções*” (BERMAN, 2013, p. 137), e, portanto, de se refletir sobre a temporalidade do traduzir, uma vez que o ato de retraduzir seria um movimento histórico. Para ele, raramente a primeira tradução é uma grande tradução, ela será sempre segunda em relação ao original e em relação às traduções posteriores. Poucos anos depois, Berman (2017) afirma, em *A retradução como espaço da tradução*, que à medida que as traduções envelhecem, elas ficam obsoletas, ao passo que os originais permanecem jovens. Contudo, ressalta que há exceções a tal princípio: trata-se das retraduções que perduram como os originais e, por vezes, se destacam mais. O autor cita como exemplo as “grandes traduções”, como a *Vulgata* de São Jerônimo, a *Bíblia* de Lutero, *As mil e uma noites* de Galland, entre outras.

Ademais, para Antoine Berman, a tradução mais antiga se aproximaria mais da cultura de chegada, por isso tenderia a ser mais domesticadora do que a retradução, a qual se aproximaria mais da cultura de partida; eis aqui o ponto de partida da “hipótese da retradução”, formulada pouco depois por Gambier (2020).

Segundo Berman (1995), toda tradução publicada após uma outra deve ser considerada uma retradução. Além disso, “[...] toda ‘primeira tradução’ exige, ao seu ver, uma retradução (que nem sempre vem) [...]”<sup>8</sup> (BERMAN, 1995, p. 84). Para ele, toda primeira tradução é imperfeita e impura, por ser ao mesmo tempo uma tradução e uma introdução da obra na língua/cultura de chegada.

Já para Gambier, em *Retradução, retorno e desvio* (2020), a retradução estaria relacionada à reatualização dos textos, a qual deve levar em consideração a sua dimensão comercial. Gambier (2020, p. 304) formula então a “hipótese da retradução”:

[...] após Berman (1986; 1990), podemos argumentar que uma primeira tradução tende sempre a ser bastante assimiladora, a reduzir a alteridade em nome de imperativos culturais, editoriais: faz-se cortes, modifica-se o original em nome de uma certa legibilidade, ela própria critério de venda. A retradução nestas condições consistiria em um retorno ao texto-fonte.

<sup>8</sup> « [...] toute « premiere traduction » appelle une retraduction (qui ne vient pas toujours). » (BERMAN, 1995, p. 84).



Gambier (2011) ressalta ainda o quão relevante é a retradução, uma vez que a primeira tradução seria naturalizante, pró-alvo, uma aclimação realizada pelo tradutor com o desejo de agradar ao público de chegada, e a retradução seria, portanto, pró-fonte, menos assimiladora, causaria certo estranhamento em seu leitor. Sobre essa questão, tal como Gambier (2020 [1994]), Vanderschelden (2000) assevera que retraduições tendem a respeitar mais o texto de partida, uma vez que as primeiras traduções, em geral, aproximam o texto do leitor, não causam estranheza, facilitando a leitura. Vanderschelden (2000) afirma ainda que as “*hot translations*” [traduções quentes] – traduções realizadas logo após a publicação do original – não têm os mesmos benefícios das “*cold translations*” [traduções frias] – traduções publicadas algum tempo após o original e da primeira tradução –, posto que em razão do tempo decorrido, o (re)tradutor terá acesso às traduções anteriores e mesmo às pesquisas e às críticas relacionadas às primeiras traduções.

Por esse motivo, as retraduições poderiam ser consideradas, por vezes, melhores do que as traduções anteriores, pois corrigem erros, falhas e omissões; contudo, raramente substituem inteiramente a tradução anterior (KOSKINEN, 2019). Além disso, as retraduições, em sua maioria, têm apelo comercial e “[...] podem ser usadas como indicadores de uma necessidade de reprocessamento do cânone literário”<sup>9</sup> (KOSKINEN, 2019, p. 318).

Ademais, conforme Gambier (2011), a literatura deve ser considerada literariedade e negócio, o que auxiliaria a explicar as retraduições de uma obra. Sobre esse aspecto, Venuti (2013) ressalta que a retradução visa principalmente o valor econômico e não o literário ou acadêmico. Assim, nada mais comum que diversas retraduições sejam publicadas após uma determinada obra canônica entrar em domínio público, pois serão mais baratas do que as obras que exijam a compra de direitos de tradução e publicação e sua canonicidade garantirá uma demanda de mercado (VENUTI, 2013).

Acerca dos estudos das retraduições, Gambier (2011) afirma que cada tradução deve ser estudada em seu próprio contexto histórico em vez de ser comparada às anteriores, o que poderia ser feito por meio de fatores como a política editorial, o público-leitor, o tradutor, o tipo de coleção e de ilustração, modo de reprodução do livro etc. A retradução seria sempre de atualidade e ambiguidade, razão pela qual “o *corpus* a ser estudado está, portanto, em constante expansão e fornece os meios para aprofundar a ‘retradução’, tanto

---

<sup>9</sup> “Retraduições também podem ser usadas como indicadores de uma necessidade de reprocessamento do cânone literário” (KOSKINEN, 2019, p. 318).



a partir do que dizem editores, críticos e tradutores (prefácios, correspondências, entrevistas) quanto da análise dos textos”<sup>10</sup> (2011, p. 52).

Por fim, Lowe (2014), bem como Lathey (2016), afirma que diversas são as razões que poderiam justificar a retradução de uma obra, como a crença de um editor na inadequação da tradução existente ou na existência de mercado para uma nova e melhor versão do texto traduzido. Em suma, a presença de erros, omissões ou mesmo acréscimos não seria obrigatória para tal decisão, a justificativa para uma retradução pode estar relacionada ao estilo da tradução ou ainda à ausência de qualidade literária, à supressão da voz autoral do original ou à linguagem ultrapassada da tradução existente. Desse modo, “[...] a retradução pode ser vista como um tipo de revisão histórica, uma modernização do texto que reflete alterações na linguagem e no contexto.”<sup>11</sup> (LOWE, 2014, p. 416).

Passaremos, agora, às retraduições da obra *Anne of Green Gables*, de L. M. Montgomery, em língua portuguesa.

### ***Anne of Green Gables*: (re)traduções**

*Anne of Green Gables* foi publicada em 1908 pela editora estadunidense L. C. Page & Co., com ilustrações de M.A. e W. A. J Claus. Segundo Devereux (2004a, p. 12), embora tenha sido o primeiro romance de Montgomery a ser publicado, a escritora já tinha publicado 294 contos e 259 poemas. Essas publicações teriam permitido à Montgomery, por quase duas décadas, treinar seu estilo de escrita e encontrar o gênero e o tema sobre o qual escreveria mais tarde: romances sobre garotas órfãs (DEVEREUX, 2004a; 2004b). De acordo com Devereux (2004a; 2004b), o feminismo presente em *Anne* não foi uma questão para os leitores da época, sendo pouco apontado nas resenhas então publicadas. Contudo, conforme relatado por Devereux (2004a; 2004b), foi nas décadas de 1960 e de 1970, durante a segunda onda do feminismo (BITTENCOURT, 2015), que essa questão passou a chamar a atenção de seus leitores. Deve-se enfatizar, porém, que Montgomery sempre se posicionou longe dos ideais da primeira onda feminista (BITTENCOURT, 2015), o “*New Woman*”, no começo do século XX, contradizendo, assim, as histórias de heroínas potencialmente feministas escritas por ela (DEVEREUX, 2004a).

<sup>10</sup> « Le corpus à étudier s’élargit donc sans cesse et donne des moyens d’approfondir la « retraduction », à la fois à partir de ce qu’en disent les éditeurs, les critiques, les traducteurs eux-mêmes (préfaces, correspondances, interviews) et à partir de l’analyse des textes. » (GAMBIER, 2011, p. 52).

<sup>11</sup> “Thus re-translation can be seen as a kind of historical revision, a modernization of the text to reflect changes in language and context.” (LOWE, 2014, p. 416).





Isso posto, Devereux (2004, p. 44) ressalta ainda o fato de que há “famílias” de edições em inglês dessa obra de Montgomery, todas diferentes do manuscrito: (1) a edição estadunidense de 1908; (2) a edição britânica de 1925 publicada pela Harrap; (3) a edição canadense de 1942 publicada pela Ryerson Press; (4) as edições australianas de 1924 pela Cornstalk Publishing edition e a de 1934 pela Angus and Robertson. Essas edições apresentam, por vezes, diferenças substanciais em razão das normas de ortografia e pontuação, por parecerem não ser originadas da mesma fonte ou ainda por terem tido interferência editorial considerável (BARRY *et al.*, 1997).

Sobre as traduções de *Anne of Green Gables*, Devereux (2004b, p. 43) salienta que diversas traduções foram autorizadas pela editora e que, após a entrada em domínio público nos Estados Unidos em 1983 e no Canadá em 1992, inúmeras traduções, adaptações e edições anotadas foram publicadas. No contexto lusófono, deve-se notar que essa obra foi traduzida pela primeira vez para a língua portuguesa por Yolanda Viana Martins e publicada em 1939 no Brasil pela Companhia Editora Nacional na coleção Biblioteca das Moças e que, no Brasil, até o setembro de 2023, havia 20 traduções desta obra (Quadro 1); e em Portugal, quatro (Quadro 2).

Quadro 1 – Traduções de *Anne of Green Gables* (1908), de L. M. Montgomery, publicadas no Brasil

Ano de publicação da tradução	Título da obra traduzida	Editora	Tradutor(a)
1939 [1956]	Anne Shirley	Companhia Editora Nacional	Yolanda Vieira Martins
2009	Anne de Green Gables	Martins Fontes	Renée Eve Levié; Maria do Carmo Zanini
2015	Anne de Green Gables	PedrAzul editora	Tully Ehlers
2019	Anne de cabelos ruivos	Ciranda Cultural	João Sette Camara
2019	Anne de Green Gables	Ciranda Cultural	João Sette Camara
2019	Anne de Green Gables	Autêntica	Márcia Soares Guimarães
2019	Anne de Green Gables	Martin Claret	Anna Maria Dalle Luche
2019	Anne de Green Gables	Editora Nova Fronteira	Alexandre Barbosa de Souza
2020	Anne de Green Gables	Editora Coerência	Giovanna Vaccaro; Lucas Fernandes
2020	Anne de Green Gables	Book one	Fernanda Castro
2020	Anne de Green Gables	Bezz	Camila Peixoto
2020	Anne de Green Gables	Mojo	Adriana Zoudine
2020	Anne de Green Gables	Garnier	Júlia Rajão





2020	Anne de Green Gables	Pé da Letra	Karina Regina dos Santos Pereira
2020	Anne de Green Gables	Lafonte	Luciane Gomide
2020	Anne de Green Gables	Novo Século Editora	Barbara Menezes
2021	Anne de Green Gables	CDG - Temporalis	Débora Isidoro
2021	Anne de Green Gables	Editora Principis	João Sette Camara
2021	Anne de Green Gables	Livraria Família Cristã	Souza e Cruz
2023	Anne de Green Gables	Camelot Editora	Júlia Rajão

**Elaboração:** Patrícia Rodrigues Costa

**Quadro 2 – Traduções de *Anne of Green Gables* (1908), de L. M. Montgomery, publicadas em Portugal**

Ano de publicação da tradução	Título da obra traduzida	Editora	Tradutor(a)
1972	Anne e a sua aldeia	Livraria Civilização	Olinda Gomes Fernandes
2014	Anne dos Cabelos Ruivos	Civilização Editora	Olinda Gomes Fernandes
2017	Anne das Empenas Verdes	Relógio D'Água Editores	Maria Eduarda Cardoso
2020	Ana dos cabelos ruivos	Minotauro	Ana Coelho

**Elaboração:** Patrícia Rodrigues Costa

No que diz respeito à primeira tradução da obra *Anne of Green Gables* publicada em português, esta se intitula *Anne Shirley* e data de 1939. Publicada inicialmente em volume único em 1939<sup>12</sup>, a obra foi dividida em dois volumes a partir de 1956, sendo que no primeiro volume constam os capítulos 1 a 18 e, no segundo volume, os capítulos 19 a 38. Assim, pode-se questionar por qual motivo essa obra foi traduzida no começo do século XX e por qual razão teve uma reedição pela Biblioteca das Moças. No que diz respeito às escolhas quanto aos títulos traduzidos e publicados no âmbito da Biblioteca das Moças, Zappone (2015, p. 132) afirma que

É neste cenário de ampliação de públicos e de ausência de autores nacionais que pudessem atender demandas de públicos emergentes que a editora Companhia Editora Nacional traz para o Brasil uma coleção de livros voltada para o público feminino: tratava-se da coleção *Biblioteca das Moças*, conjunto de livros cujos direitos de tradução e publicação foram adquiridos, em ordem decrescente de quantidade, em França, Inglaterra, Estados Unidos e Alemanha.

<sup>12</sup> Agradecemos ao bibliotecário Charles da Biblioteca Florestan Fernandes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo pela pronta colaboração e envio das imagens relativas à edição de 1939 por e-mail.



Essa coleção era caracterizada pela publicação de romances sentimentais, por vezes caracterizados como romances de formação, pois atuavam como dispositivos de controle ao apresentarem valores morais e caráter pedagógico, razão pela qual alguns tinham a aprovação da Igreja e da Escola, sendo inclusive uma literatura incentivada por colégios religiosos (ANDRADE; SILVA, 2013; CAVALCANTE, 2004; NAKAGAWA, 2014; ZAPPONE, 2015). Tais bestsellers estrangeiros voltados ao público feminino, a chamada literatura cor-de-rosa, em geral eram lidos por normalistas e por aquelas que desejavam se preparar para o casamento (ANDRADE; SILVA, 2013). Ademais, segundo Andrade e Silva (2013, p. 254), tais escolhas editoriais “[...] contribuíram para cristalizar visões de mundo, modelando as condutas de milhares de mulheres entre os anos de 1930 e 1960.” Contudo, para Ramalhete e Sten (2018, p. 443), *Anne of Green Gables* destoa do caráter moralizante e pedagógico:

Ainda que inicialmente circunscrito na coleção *Biblioteca das moças*, contraria, subverte, desacata. Contesta, inclusive, as levianas exigências de um mundo patriarcal, adultocêntrico, que silencia crianças e, muitas vezes, reduz a mulher ao mundo do consumo e dos afazeres domésticos. Ao ser reprimida e questionada por sua ousadia e persistência nos estudos, Anne Shirley retruca: ‘Eu vou florescer’.

Isto posto, poderíamos questionar a inserção da obra *Anne of Green Gables* na Biblioteca das Moças, visto que sua protagonista apresenta um caráter subversivo (feminista), pois realiza críticas constantes à sociedade machista da época.

Já no que diz respeito à redescoberta dessa obra no Brasil, podemos verificar (Quadro 1) que, após a publicação de sua primeira tradução, intitulada *Anne Shirley* em 1939, a obra só foi retraduzida no início do século XXI, 70 anos mais tarde. A tradução de Renée Eve Levié e Maria do Carmo Zanini, intitulada *Anne de Green Gables*, foi publicada pela Martins Fontes em 2009, um ano após o centenário de publicação de *Anne of Green Gables*. Logo, a tradução em questão pode ser justificada não apenas pelo centenário da obra, mas também pela necessidade de atualização da linguagem para o leitor contemporâneo, tal como apontado por Lathey (2016). Em relação a essa tradução, chama a atenção o fato de que essa tradução foi reimpressa no âmbito do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) do Ministério da Educação em 2013.

Após seis anos, em 2015, temos a segunda tradução do século XXI, *Anne de Green Gables*, realizada por Tully Ehlers e publicada pela PedraZul



editora, frequentemente reeditada. A publicação dessa tradução poderia ser considerada uma obra do acaso, pois a tradutora não atuava como tradutora profissional à época, mas somente publicava trechos traduzidos da obra de Montgomery no grupo do *Facebook* intitulado *Literatura de Época*. Por esse motivo, acabou sendo indicada à editora Chirlei Wandekoken que a convidou a publicar a tradução do livro *Anne of Green Gables* em sua integralidade e os demais livros que têm a personagem Anne Shirley como personagem principal (COSTA, 2020).

Em relação às demais traduções, temos de reforçar que ainda que haja diversas adaptações para televisão, cinema (desde o início do século XX) e teatro, além de musicais, animes e mangás fundamentados na obra de Montgomery, foi com a série *Anne with an E* que a obra de Montgomery voltou a ganhar destaque no mundo. Em 2017, essa série, uma adaptação dos livros redigidos por L. M. Montgomery, que tem a adolescente ruiva Anne Shirley como personagem principal, foi produzida e lançada pelo canal canadense CBC (*Canadian Broadcasting Corporation*) e exibida mundialmente via *streaming* pela Netflix em três temporadas até janeiro de 2020. É essa série que poderia justificar a publicação de reedições da obra em questão a partir de 2017 e de retraduições a partir de 2019 (Quadro 1), bem como o interesse das editoras em traduzir e publicar os demais livros escritos por Montgomery, e conseqüentemente recuperar sua popularidade (LATHEY, 2016) entre os leitores brasileiros.

Deve-se salientar ainda que, no século XXI, todas as traduções brasileiras intitulam-se *Anne de Green Gables*, exceto a tradução de João Sette Camara, publicada pela editora Ciranda Cultural em 2019 com o título *Anne de cabelos ruivos*, que foi revisto para a reedição de 2019, passando a ter o mesmo título das demais traduções.

Por fim, como pudemos verificar (Quadro 2), a tradução brasileira foi publicada 33 anos antes da portuguesa. Em Portugal há somente quatro traduções dessa obra de Montgomery, sendo que a publicação de 2014 é da mesma tradutora de 1972. Não se sabe, porém, se o texto da tradução de 2014 é o mesmo da primeira tradução portuguesa.

## Considerações finais

Se, por um lado, enquanto a primeira tradução datada de 1939 realizada por Yolanda Vieira Martins, poucos anos após a publicação do original em 1908, esteve vinculada a valores morais e pedagogizantes, a tradução de 2009 se deu, possivelmente, em razão do centenário da obra, bem como



da necessidade de atualização da linguagem para o leitor contemporâneo (LATHEY, 2016). Por outro lado, as demais retraduições brasileiras, podem ser resultantes do intenso apelo comercial e do valor econômico da obra (GAMBIER, 2011; KOSKINEN, 2019; VENUTI, 2013) ou por estarem relacionadas ao sucesso da série *Anne with an E*. A essas possibilidades, acrescenta-se igualmente o fato de que *Anne of Green Gables* já está em domínio público, não exigindo a compra de direitos de tradução e publicação.

Vale ressaltar ainda que, dos aproximadamente 20 tradutores envolvidos nas (re)traduições de *Anne of Green Gables* no Brasil, mais de 75% são do sexo feminino e apenas a minoria é reconhecida por seus trabalhos como tradutoras de literatura infantojuvenil. Por fim, poucas são as traduções que apresentam textos de apresentação (nota do editor, nota do tradutor ou prefácio) e, no que diz respeito ao texto de partida para as traduções, poucas são as edições que informam sua origem, sendo, portanto, quase impossível identificar de qual das “famílias” de edições em inglês (BARRY *et al.*, 1997; DEVEREUX, 2004) a tradução da obra de Montgomery parte.

## Referências

AKAMATSU, Y. Japanese Reading os *Anne of Green Gables*. In: GAMMEL, Irene. EPPERLY, Elizabeth. (Ed.) **L. M. Montgomery and Canadian Culture**. Toronto: University of Toronto Press, 1999, p. 201-212.

AKAMATSU, Y. The Continuous Popularity of *Red-haired Anne* in Japan: An Interview with Yoshiko Akamatsu. In: LEDWELL, Jane. MITCHEEL, Jean. (ed.) **Anne around the World: L. M. Montgomery and Her Classic**. Montréal e Kingstong, Canadá: McGill-Queen’s University Press, 2013, p. 216-227.

ANDRADE, R. M. B. de; SILVA, E. H. A pedagogia social dos romances de amor dos “tempos da vovó”. **Tensões Mundiais**, Fortaleza, v. 11, n. 21, p. 251-274, 2013.

ATWOOD, M. Reflection Piece – Revisiting Anne. In: GAMMEL, Irene. EPPERLY, Elizabeth. (Ed.) **L. M. Montgomery and Canadian Culture**. Toronto: University of Toronto Press, 1999, p. 222-226.

BARRY, W. E. *et al.* **The Annotated Anne of Green Gables by L. M. Montgomery**. New York: Oxford University Press, 1997.

BENJAMIN, W. A tarefa do Tradutor. Tradução de: Susana Kampff Lages. In: Werner Heidermann (org.). **Clássicos da teoria da tradução**. v. 1, Alemão-Português, 2ª ed. rev. e amp. Florianópolis: UFSC/Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010.

BERMAN, A. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. 2ª ed. Traduzido por: Marie-Hélène Catherine Torres; Mauri Furlan; Andreia Guerini. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.



BERMAN, A. **A prova do estrangeiro**: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder Goethe, Schegel Novalis Humboldt, Schleiermacher Hölderlin. Traduzido por: Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.

BERMAN, A. A retradução como espaço da tradução. Traduzido por: Clarissa Prado Marini; Marie-Hélène Catherine Torres. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 37, n. 2, p. 261-268, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2017v37n2p261>.

BERMAN, Antoine. La retraduction comme espace de la traduction. **Palimpsestes**, n° 4, p. 1-7, 1990. Disponível em: <https://journals.openedition.org/palimpsestes/596>.

BERMAN, A. **Pour une traduction**: John Donne. Paris : Éditions Gallimard, 1995.

BITTENCOURT, N. A. Movimentos Feministas. **Revistas InSURgência**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 198-210, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/insurgencia/article/view/18804>.

CASANOVA, P. **A República Mundial das Letras**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CAVALCANTE, V. R. S. Escritura & memória na formação de mulheres entre 1870 e 1940. **História & Perspectivas**, Uberlândia, v. 31, p. 153-176, 2004.

COSTA, P. R. Entrevista com Tully Ehlers. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 287-296, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfeis/article/download/28546/25105/64043>.

DEVEREUX, C. A Note of the Text. In: MONTGOMERY, L. M. **Anne of Green Gables**. Peterborough, Canadá: Broadview Press, 2004a, p. 12-38.

DEVEREUX, C. Introduction. In: MONTGOMERY, L. M. **Anne of Green Gables**. Peterborough, Canadá: Broadview Press, 2004b, p. 42-50.

EVEN-ZOHAR, I. Polysystem studies. In: *Poetics Today*. **International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication**, v. 11, n. 1, 1990. Disponível em: [https://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/Even-Zohar\\_1990--Polysystem%20studies.pdf](https://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/Even-Zohar_1990--Polysystem%20studies.pdf).

GAMBIER, Y. La retraduction : Ambiguïtés et défis. In: Enrico Monti; Peter Schnyder (dir.) **Autour de la retraduction** : Perspectives littéraires européennes. Orizons, 2011, p. 49-66.

GAMBIER, Yves. La retraduction, retour et tour. **Meta** : Journal des Traducteurs, v. 39, p. 413-417, 1994. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/meta/1994-v39-n-3-meta186/002799ar.pdf>.

GAMBIER, Y. Retradução, retorno e desvio. Traduzido por: Ana Carolina Freitas; Rodrigo D'Ávila Braga Silva. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 9, n. 5, p. 301-310, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfeis/article/view/31480>.

GAMMEL, I. LEFEBVRE, B. Editing in Canada: The Case of L. M. Montgomery. In: IRVINE, Dean. KAMBOURELI, Smaro. (Ed.) **Editing as Cultural Practice in Canada**. Waterloo, Canadá: Wilfrid Laurier University Press, 2016. Série TransCanada, p. 75-92.



HERMANS, T. (ed.) *The manipulation of Literature*: Studies in Literary Translation. Londres e Nova Iorque: Routledge, 1985.

KOSKINEN, K. Revising and retranslating. In: WASHBOURNE, Kelly; VAN WYKE, Ben. (ed.) *The Routledge Handbook of Literary Translation*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2019, p. 315-324.

LATHEY, G. *Translating Children's Literature*. EUA e Reino Unido: Routledge, 2016.

LOWE, E. Revisiting Re-translation: Re-creation and Historical Re-vision. In: Berman, S.; Porter, C. (Ed.) *A Companion to Translation Studies*. 1e. John Wiley & Sons, Ltd, 2014. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/9781118613504.ch31>.

MONTGOMERY, L. M. *Ana dos cabelos ruivos*. Traduzido por: Ana Coelho. Lisboa, Portugal: Minotauro, 2020.

MONTGOMERY, L. M. *Anne Shirley*. Traduzido por: Yolanda Vieira Martins. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

MONTGOMERY, L. M. *Anne Shirley*. 2ª ed. Traduzido por: Yolanda Vieira Martins. São Paulo: Companhia Editora Nacional, v. 1, 1956.

MONTGOMERY, L. M. *Anne Shirley*. 2ª ed. Traduzido por: Yolanda Vieira Martins. São Paulo: Companhia Editora Nacional, v. 2, 1956.

MONTGOMERY, L. M. *Anne de Cabelos Ruivos*. Traduzido por: João Sette Camara. Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2019a.

MONTGOMERY, L. M. *Anne de Green Gables*. Traduzido por: Renée Eve Levié; Maria do Carmo Zanini. São Paulo: Martins, 2009.

MONTGOMERY, L. M. *Anne de Green Gables*. 4ª ed. Traduzido por: Tully Ehlers. Domingos Martins, ES: PedrAzul editora, 2019b [2015].

MONTGOMERY, L. M. *Anne de Green Gables*. Traduzido por: Márcia Soares Guimarães. Belo Horizonte: Autêntica, 2019c.

MONTGOMERY, L. M. *Anne de Green Gables*. Traduzido por: Anna Maria Dalle Luche. São Paulo: Martin Claret, 2019d.

MONTGOMERY, L. M. *Anne de Green Gables*. Traduzido por: Alexandre Barbosa de Souza. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019e.

MONTGOMERY, L. M. *Anne de Green Gables*. Traduzido por: João Sette Camara. Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2019f.

MONTGOMERY, L. M. *Anne de Green Gables*. Traduzido por: Giovanna Vaccaro e Lucas Fernandes. São Paulo: Editora Coerência, 2020a.

MONTGOMERY, L. M. *Anne de Green Gables*. Traduzido por: Barbara Menezes. Baureri: Novo Século Editora, 2020b.

MONTGOMERY, L. M. *Anne de Green Gables*. Traduzido por: Fernanda Castro. São Paulo: book One, 2020c.



MONTGOMERY, L. M. **Anne de Green Gables**. Traduzido por: Karina Regina dos Santos Pereira. Barueri: Pé da Letra, 2020d.

MONTGOMERY, L. M. **Anne de Green Gables**. Traduzido por: Júlia Rajão. Belo Horizonte: Garnier, 2020e.

MONTGOMERY, L. M. **Anne de Green Gables**. Traduzido por: Luciane Gomide. São Paulo: Lafonte, 2020f.

MONTGOMERY, L. M. **Anne de Green Gables**. Traduzido por: Adriana Zoudine. São Paulo: Mojo.org, 2020g.

MONTGOMERY, L. M. **Anne de Green Gables**. Traduzido por: Camila Peixoto. Jandira: Bezz, 2020h.

MONTGOMERY, L. M. **Anne de Green Gables**. Traduzido por: Souza e Cruz. Londrina: Livrarias Família Cristã, 2021a.

MONTGOMERY, L. M. **Anne de Green Gables**. Traduzido por: Débora Isidoro. Porto Alegre: CDG, 2021b.

MONTGOMERY, L. M. **Anne de Green Gables**. Traduzido por: João Sette Camara. Jandira: Editora Principis, 2021c.

MONTGOMERY, L. M. **Anne de Green Gables**. Traduzido por: Julia Rajão. São Paulo: Camelot Editora, 2023.

MONTGOMERY, L. M. **Ana dos cabelos ruivos**. Traduzido por: Ana Coelho. Lisboa: Minotauro, 2020.

MONTGOMERY, L. M. **Anne das empenas verdes**. Traduzido por: Maria Eduarda Cardoso. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água Editores, 2017.

MONTGOMERY, L. M. **Anne dos cabelos ruivos**. Traduzido por: Olinda Gomes Fernandes. Porto, Portugal: Civilização Editora, 2014.

MONTGOMERY, L. M. **Anne e a sua aldeia**. Traduzido por: Olinda Gomes Fernandes. Porto, Portugal: Livraria Civilização, 1972.

NAKAGAWA, S. Y. Estudo da coleção “Biblioteca das Moças”: a formação de jovens por meio da boa leitura. **Linguagem – Estudos e Pesquisas**, Catalão, v. 18, n. 1, p. 157-180, 2014.

OSEKI-DÉPRÉ, I. **De Walter Benjamin aos nossos dias (ensaios de tradutologia)**. Traduzido por: Patrícia Rodrigues Costa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2021.

PAGANO, A. As pesquisas historiográficas em tradução. IN: PAGANO, Adriana. (org). **Metodologia de Pesquisa em Tradução**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001, p. 117-146.

RAMALHETE, M. P. ; STEN, S. da C. Crítica ao eterno feminino em *Anne de Green Gables*, de Lucy Maud Montgomery. **Travessias Interativas**, São Cristóvão, v. 8, n. 16, p. 432-443, 2018.

RÉMI, C. From *Green Gables* to *Grönkilla*: The Metamorphoses of Lucy Maud Montgomery's *Anne of Green Gables* in its Various Swedish Translations. *Barnboken –Journal of Children's*





*Literature Research*, Stockholm, v. 42, p. 1-36, 2019. Disponível em: <https://barnboken.net/index.php/clr/article/view/447/1461>.

UCHIYAMA, A. *Akage no An* in Japanese girl culture: Muraoka Hanalo's translation of *Anne of Green Gables*. *Japan Forum*, Londres, v. 26, n. 2, p. 209-223, 2014.

VANDERSCHULDEN, I. Why retranslate the French Classics? The Impact of Retranslation on Quality. In: SALAMA-CARR, Myriam (ed.) *On Translating French Literature and Film 2*. 2000, p. 1-18.

VENUTI, L. **Escândalos de tradução**: por uma ética da diferença. Traduzido por: Lauren Pelegrin; Lucinéia Marcelino Villela; Marileide Dias Esqueda; Valéria Biondo. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

VENUTI, L. Retranslations: the creation of value. In: VENUTI, Lawrence. *Translation changes everything: theory and practice*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2013, p. 96-108.

ZAPPONE, M. H. Y. Leituras femininas: a Biblioteca das Moças e a formação de públicos no Brasil nas décadas de 1920-1960. In: VÁZQUEZ, Raquel B. et al. (eds.) *Estudos da AIL em Literatura, História e Cultura Brasileiras*. Santiago de Compostela: Associação Internacional de Lusitanistas, 2015, p. 131-142. Disponível em: <https://lusitanistasail.press/index.php/ail-press/catalog/view/6/12/24-1>.

